

O Discipulado Cristão - Estudo 6

Elaborado por Leandro Abrantes

estudosmec@pibrj.org.br

Discipulado Cristão na Carta aos Gálatas

(Gl 5-6)

Atualmente, uma pergunta que muito se faz dentro e fora do contexto cristão é: “Em que medida ser discípulo de Cristo é ser livre?” Além disso, há os que perguntam: “somos livres de quê, e para quê?” Uma compreensão equivocada do próprio conceito de liberdade tem levado pessoas a ora viverem na escravidão do pecado, ora na prisão do legalismo. Em sua carta aos Gálatas, Paulo se dirige a uma comunidade de cristãos que estava passando por uma experiência semelhante. Livres da escravidão do pecado, os crentes da Galácia estavam sendo influenciados por líderes judaizantes que ensinavam ser obrigatório circuncidar-se para ser salvo. Nos dias de hoje, vemos muitos cristãos tentando se apegar a leis, regras e doutrinas como requisitos para sua salvação. Em alguns casos, essa prática, que chamamos *legalismo*, tem origem em instruções dadas ao povo no Antigo Testamento, noutros é produzida por interpretações forçadas de trechos bíblicos isolados e, ainda, em alguns casos, surge de tradições doutrinárias sequer confrontadas com o texto da Bíblia. Infelizmente, um número considerável de crentes tem vivido sob o jugo do legalismo, através do

qual creem que alcançarão a salvação por merecimento próprio.

Uma questão importante é que, embora a palavra “liberdade” seja tão repetida nos dias de hoje, poucas pessoas têm, de fato, refletido sobre seu significado. Volta a questão: “afinal, somos livres de quê e para quê?” Analisemos duas respostas equivocadas à primeira parte de nossa questão.

Há quem afirme, erroneamente, que “o crente não peca.” A Bíblia não respalda tal afirmação. Ora, não somos livres de pecar, mas *do domínio do pecado sobre nós*. Não deixamos de pecar, mas já não somos dominados pelo pecado. Continuamos a ter uma propensão natural para o pecado, a natureza humana, que nos move em direção às obras da carne. Contudo, estamos libertos do domínio que essa propensão já exerceu sobre nós. O discípulo de Cristo vive pelo Espírito e, portanto, é vitorioso sobre as obras da carne. Enquanto estamos na Terra, temos a natureza humana que nos influencia na direção das obras da carne.

Em Gálatas 5.16-21, Paulo lista tais obras, divididas em quatro grupos:

- 1) pecados na área da sexualidade;
- 2) pecados de religiosidade;
- 3) pecados nos relacionamentos interpessoais;

4) pecados de descontrole alimentar.

Convém notar, porém, que a lista não é exaustiva!

Embora não sejamos mais escravos dessa natureza – uma vez que fomos regenerados – ela está presente em nós. Apenas através do Espírito Santo, que em nós opera a santificação, é possível suplantarmos nossas inclinações carnis. É uma guerra constante. O discípulo de Cristo deve crucificar a cada dia o seu eu, seguindo em direção ao seu Mestre, Jesus. Pelo poder do Espírito Santo, podemos rejeitar as ofertas e a influência da carne.

Outra ideia que não encontra respaldo na Bíblia é a de que “somos livres *para pecar*”. Segundo esse pensamento, “pelo fato de ainda termos a natureza humana, ao sermos tentados, pecar não seria nossa culpa”. Nem somos livres **de pecar**, nem livres **para pecar**. Ceder à tentação da carne significa viver pela carne e não pelo Espírito. E isso deve incomodar muito o verdadeiro discípulo de Cristo, uma vez que tal proceder o afasta do alvo, que é tornar-se como Cristo, e é indicado pelo Espírito Santo que nele habita.

Embora muitos vivam escravizados pelo pecado ou pelo legalismo, ser discípulo de Cristo é ser livre! O discípulo de Cristo é livre

do domínio do pecado para produzir o fruto do Espírito. A liberdade que nos é trazida pelo Espírito Santo e sua obra produz em nós atitudes e características de Cristo. Dessa maneira, o discípulo de Cristo demonstra sua identificação com o Mestre à medida que manifesta o fruto do Espírito. Disso precisamente se trata a obra de santificação operada em nós pelo Espírito Santo. Os atributos manifestados em nós como fruto do Espírito são amor, alegria e paz; paciência (ou longanimidade), benignidade e bondade; fidelidade, mansidão e domínio próprio. É importante ressaltar que essas nove manifestações do fruto do Espírito se contrapõem às obras da carne, trazendo restauração às áreas vulneráveis atacadas natureza humana propensa ao pecado.

Em Gálatas 6.17, Paulo afirma que tem em si as marcas de Cristo. Além de ser essa afirmação um contraponto à ideia da circuncisão como requisito para a salvação, ela mostra, em seu contexto, que a identificação do discípulo de Cristo com seu Mestre não pode ser unicamente física, mas deve ser total. A marca do discípulo de Cristo é uma vida de santificação, isto é, uma vida na qual o Espírito Santo opera no intuito de tornar o discípulo cada vez mais parecido com seu Mestre.